



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

CORPOS EM MOVIMENTO, GESTOS INCONSCIENTES: A DANÇA COMO AUXILIADORA NO PROCESSO TERAPÊUTICO

Raphael Edson Dutra
raphaeledson15@gmail.com

Maíra Bonafé Sei
mairabonafe@gmail.com

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Resumo

A presente investigação trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que visa compreender os limites e as interlocuções da dança no processo terapêutico a partir de um referencial psicanalítico. Para tanto, recorreremos à análise de um recorte de uma entrevista com um professor de ballet clássico com o intuito de exemplificar e discutir os limites da utilização da prática artística como instrumento no *setting* terapêutico. Conclui-se que a dança corrobora com a manifestação de conteúdos inconscientes ao passo que é manejada por um profissional habilitado a encaminhar a transferência ao processo de ressignificação.

Palavras-chave: Psicanálise; Dança; Psicoterapia.

Introdução

A presente pesquisa apresenta-se como uma investigação de natureza qualitativa, embasada nos constructos teóricos da Psicanálise. Neste trabalho, faz-se uso do fragmento de uma entrevista com um professor de dança, material coletado para a dissertação de mestrado em andamento, “Dança e Psicanálise: Um estudo sobre a criatividade em professores de ballet clássico”, com o intuito de compreender os limites e articulações possíveis entre os saberes e seus efeitos no campo da expressão artística da dança à escuta e manifestação do inconsciente em processos terapêuticos.

Atuando como instrumento gestual, a dança estabelece uma íntima relação com corpo, vivências, emoções e com a criatividade do bailarino(a) (Travi, 2016). Embora, a dança possa ser encontrada como prática recorrente em atuações cênicas e engendrada em produções artísticas, ou mesmo no entretenimento, sua característica expressiva e sua alusão à dinâmica mental que lhe é imbricada, levou-



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

a a ser inserida e utilizada como instrumento em contextos divergentes da atuação do palco, como em *settings* de saúde, por exemplo. Transposta da atuação espetacular para o contexto de intervenção saúde/doença, a dança e as artes de forma generalizada, possibilitam a emersão de conteúdos latentes do terreno do inconsciente. Neste íterim, a partir das hipóteses da Psicanálise e sua análise dos desdobramentos do curso das produções do inconsciente e do sintoma, a arteterapia, por exemplo, é tomada como dispositivo capaz de auxiliar na resignificação de conflitos, como aponta o trabalho de Coqueiro et al (2010).

Desta forma, o fragmento do relato do professor de dança, especificamente do ballet clássico, fomenta a discussão sobre o uso na dança como instrumento auxiliador no processo terapêutico, ao passo que demonstra, pela semelhança, o acesso às vivências emocionais do bailarino (a).

Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa em Psicanálise. Para a coleta de dados utilizou-se da entrevista semi-dirigida, como proposta por Turato (2003), na qual criou-se três questões disparadoras, mantendo a possibilidade de novos aprofundamentos conforme a necessidade dentro da dinâmica transferencial. O participante foi um professor de ballet clássico, cuja entrevista foi gravada e transcrita, com coleta de dados respaldada na assinatura do termo de consentimento livre esclarecido assinado. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Londrina - CAAE 81117817.8.0000.5231, com parecer nº 2.469.315.

Resultados e Discussão

A análise da entrevista em questão indicou que, na perspectiva do professor de ballet, sua atuação no ensino da dança, neste caso com turmas infantis, ultrapassa os limites da transmissão gestual do glossário que envolve a prática artística, adentrando às questões emocionais e sociais que envolve a bailarina (o)



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

para além de *tendus* e *pliés*. Trabalhando em uma instituição com enfoque para a população de baixa renda, o professor relata que em sua prática é preciso atentar-se e trabalhar as questões emocionais das crianças, as quais se encontram em vulnerabilidade social devido a sua condição socioeconômica. De certo, o relato do participante leva à reflexão do uso da dança como instrumento auxiliador dentro do processo terapêutico.

Além da arteterapia, outras formas de intervenção terapêutica recorrem à dança como elemento facilitador, e utilizam do movimento do corpo como um caminho possível para a manifestação de conteúdos inconscientes. Estabelecendo uma interlocução entre o brincar, a criatividade e as construções teóricas psicanalíticas de Winnicott, Valdivia (2010) relata a aplicação do método “*Dance Movement Psychotherapy*” em uma criança de nove anos que estaria em conflitos emocionais derivados da separação de seus pais. No decorrer de 22 atendimentos, Valdivia (2010) utiliza a dança como facilitadora para a intervenção ao sofrimento do paciente e afirma que as expressões artísticas, a dança e o brincar, propiciam a construção de caminhos auxiliares para a ressignificação do aspecto traumático infantil, por meio de um ambiente suficientemente bom, ou no dizer da autora “*good enough*”.

Em Vermes e Incze (2012), encontramos o método da *Movement and Dance Therapy*, baseado na Psicanálise de Ferenczi e Balint, que se desenvolve com o intuito de auxiliar no tratamento de pacientes psiquiátricos. Contudo, o método estendeu-se para a intervenção de grupo e, utilizando a técnica da improvisação da dança contemporânea, visa ater-se aos processos de regressão benigna, até a ruptura do amor primária, trazendo-a para um ambiente adequado que facilita a manifestação corpórea do paciente. Por meio do toque físico, o grupo afetivo atua no sentido de favorecer a identificação do ambiente com a primeira infância, a qual se configura como eixo central do desenvolvimento humano. Convidados para “espaço destacado”, em uma atividade intensa com a *Body-Mind*, os membros do grupo são convidados a expressar-se, movimentando-se e dançando no “palco”, sendo submetido à interpretação dos membros do grupo e do coordenador. As expressões livres do movimento, gesto e dança, tecem uma íntima relação com a criatividade e



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL **30 e 31 de agosto de 2018**

as produções derivadas do inconsciente, de modo que auxiliam na interpretação e na livre associação do latente via comunicação corporal e artística.

O aspecto expressivo e o desenvolvimento da linguagem corporal são possíveis de serem compreendidos a partir do trabalho de Peto (2000), o qual demonstra os efeitos expressivos e terapêuticos do movimento. Assim, ao propor uma intervenção terapêutica em dança para pacientes laringectomizados, no âmbito da enfermagem, Peto (2000) afirma que a externalização espontânea do mundo ritmado interno dos pacientes, permite compreender o conteúdo manifesto na linguagem não verbal, e por meio da comunicação gestual, levam-nos a refletir sobre outras formas de comunicação e expressão, de modo a ressignificar o drama vivenciado pelo pós-operatório da retirada da laringe.

Em suma, como intervenção auxiliadora no processo terapêutico, psicológico ou não, a dança pode acionar elementos psíquicos e emocionais, que encontram na expressão artística uma forma de linguagem, trazendo para o corpo e para o gesto uma mensagem codificada pelas vivências e pelo próprio inconsciente.

Conclusões

A atuação do professor de ballet clássico em sua prática de ensino, atendo-se para o que designou como sendo questões “emocionais” de suas alunas, fomentou a reflexão e pesquisa acerca do uso da dança como instrumento ativo no processo terapêutico e auxiliador na ressignificação de conteúdos inconscientes e afetivos dos pacientes. Desta forma, a dança, como prática artística gestual, parece favorecer o uso da linguagem não verbal e promover uma “livre associação” por parte do paciente que, quando remanejados, encontram uma saída criativa para seus conflitos. Assim, pode-se considerar que a dança é terapêutica ao proporcionar uma intensa relação com o bem-estar físico e emocional. Por outro lado, compreende-se ser necessário que se haja o manejo técnico adequado para a ressignificação de conteúdos mais profundos, sendo mediado por um profissional habilitado, capaz de encaminhar a transferência emergida, garantindo o caráter “psico”terapêutico da intervenção.



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

Referências

Coqueiro, N. F., Ronaldo, F., Vieira, R., & Freitas, M. M. C. (2010). Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. *Acta Paul Enferm*, 23(6), 859–862. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002010000600022>

Peto, A. C., & Terapia, A. C. (2000). Terapia Através Da Dança Com Laringectomizados: Relato De Experiência. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, 8(6), 35–39. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692000000600006>

TURATO, E. Ribeiro (2003). *Tratado de metodologia da pesquisa Clínico-Qualitativa: Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes.

Travi, M. T. F. (2016). Caminhos para Dançar-se o Sujeito do Inconsciente em Pina Bausch. *MORINGA - Artes Do Espetáculo*, 7(1), 165–185. <https://doi.org/10.21604/2177-8841/moringa.v7n1p165-185>

Valdivia, M. E. (2010). A psychoanalytic perspective of endings in therapy: A dance movement psychotherapy case study. *Body, Movement and Dance in Psychotherapy*, 5(1), 75–87. <https://doi.org/10.1080/17432971003593971>.

Vermes, K., & Incze, A. (2012). Psychodynamic Movement and Dance Therapy (PMDT) in Hungary. *Body, Movement and Dance in Psychotherapy*, 7(2), 101–113. <https://doi.org/10.1080/17432979.2011.557890>